

As tecnologias e o ensino de Francês Língua Estrangeira (FLE) para crianças em fase de alfabetização: estudo teórico e atividades didáticas no/para o contexto digital

Aluna: Ana Carolina Salerno Cruz

Programa: Institucional FAFE

Orientadora: Prof^a Dr^a Vera Lúcia Marinelli

O papel que determinadas línguas estrangeiras tradicionalmente desempenham nas relações culturais entre os países pode ser um fator a ser considerado. O francês, por exemplo, desempenhou e desempenha importante papel do ponto de vista das trocas culturais entre o Brasil e a França e como instrumental de acesso ao conhecimento de toda uma geração de brasileiros.

PCN – LE (pg. 23)

Resumo

Esta segunda fase¹ da pesquisa pretende dar continuidade ao estudo sobre o papel das tecnologias na educação, no caso, o ensino de Francês Língua Estrangeira (FLE) para alunos falantes da língua materna, mas ainda não alfabetizados. Para tanto, busca responder às seguintes questões: os recursos tecnológicos podem mediar o aprendizado do FLE? Que atividades didáticas podem ser desenvolvidas para esse público fazendo uso desses recursos? Dando sequência à pesquisa teórica, a bibliografia relacionada às tecnologias na educação será ampliada com os estudos de Mangenot e Louveau (2006) e Kenski (2006 e 2009). A pesquisa visa também expandir e aprofundar as teorias referentes ao ensino e aprendizagem de língua estrangeira para crianças entre seis e oito anos cursando o primeiro e segundo ano do Ensino Fundamental I, a fim de aprofundar o novo questionamento citado. O *corpus*

¹ A saber, chamamos essa etapa de segunda fase da pesquisa, tendo em vista que a primeira fase compreende a pesquisa realizada em 2010/2011, intitulada “Tecnologias no ensino de FLE (Francês Língua Estrangeira) para crianças não alfabetizadas”. No Anexo 1 encontram-se os aspectos conclusivos da primeira fase.

analisado na primeira fase da pesquisa foi constituído pelos registros das aulas de minicurso realizado na Escola de Aplicação (EA), localizada na Cidade Universitária, em São Paulo, no segundo semestre de 2010, no qual observamos a necessidade da reaplicação e reformulação do conteúdo proposto. Por problemas de reorganização das aulas de língua estrangeira na EA, não foi possível ministrar, como previsto, um novo minicurso para os alunos da referida instituição no primeiro semestre de 2011. Tal fato levou-nos a buscar um novo espaço educacional para ministrar esse segundo minicurso: a Associação Educacional e Assistencial Casa do Zézinho, localizada no Parque Maria, instituição esta que possui o mesmo perfil dos alunos da EA, ou seja, crianças entre seis e oito anos cursando o primeiro e segundo ano do Ensino Fundamental I. A previsão é que o minicurso ocorra durante o segundo semestre de 2011². Esperamos com esta pesquisa não só contribuir para uma melhor compreensão das especificidades do ensino de língua estrangeira para crianças, como também refletir sobre o papel que as tecnologias exercem no aprendizado de LE voltado ao público infantil.

Palavras Chaves: Francês Língua Estrangeira (FLE); Crianças não alfabetizadas; Tecnologias na educação.

1. CONSIDERAÇÕES EM RELAÇÃO AO PROJETO INICIAL

Antes de apresentarmos os estudos realizados, bem como seus resultados, informamos que o título “As tecnologias e o ensino de FLE para crianças não alfabetizadas: estudo teórico e atividades didáticas no/para o contexto digital” foi alterado para “As tecnologias e o ensino de FLE para crianças em fase de alfabetização: estudo teórico e atividades didáticas no/para o contexto digital”. Tal mudança justifica-se por definir de forma mais adequada o público focalizado nesta pesquisa.

Outra mudança realizada em relação ao projeto inicial refere-se aos objetivos, nos quais acrescentamos uma discussão sobre a importância do aprendizado de língua estrangeira (LE) para o público focalizado na pesquisa e

² Mais uma vez, devido a problemas administrativos, o minicurso foi adiado e iniciado no dia 10 de março de 2012.

sobre as políticas brasileiras sobre o assunto. Percebemos a necessidade de discutir essa temática à medida que iniciamos a leitura de textos oficiais que regulamentam o ensino de LE no Brasil.

Os meses de outubro, novembro e dezembro foram dedicados aos contatos com a instituição na qual foi ministrado o minicurso, bem como ao planejamento deste. Nesse período, apresentamos os resultados obtidos na primeira fase da pesquisa (2010/2011) nos eventos: XVIII Congresso Brasileiro de Professores de Francês, nos dias 18 à 21 de outubro de 2011 em Curitiba, Santa Catarina, e Jornada de Ensino e Aprendizagem de Línguas Estrangeiras em ambientes virtuais, no dia 07 de outubro de 2011, e Simpósio Internacional de Iniciação Científica, nos dias 21 à 25 de novembro de 2011, ambos na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Tais apresentações propiciaram um contato com um novo público cujos comentários e sugestões acrescentaram na continuidade do trabalho.

2. APRESENTAÇÃO DO RELATÓRIO FINAL

O relatório final ora apresentado traz os resultados obtidos pela pesquisa de Iniciação Científica “As tecnologias e o ensino de FLE para crianças em fase de alfabetização: estudo teórico e atividades didáticas no/para o contexto digital”, financiada pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP) e desenvolvida no período de outubro de 2011 a setembro de 2012.

O estudo foi desenvolvido no âmbito de uma pesquisa mais ampla: “Televisão e ensino/aprendizagem de francês língua estrangeira (FLE): subsídios para a formação de professores de FLE, em particular e de línguas estrangeiras, em geral” (Anexo 2), de autoria da Prof^a. Dr^a. Vera Lúcia Marinelli.

O objetivo principal da atual pesquisa foi discutir o espaço das tecnologias no ensino de FLE para crianças em fase de alfabetização, tema este ainda pouco estudado em nosso país. Partindo desse objetivo principal, surgiram outros questionamentos: o que se entende por tecnologia na educação; o que caracteriza o ensino de LE pautado no desenvolvimento de competências orais para crianças; quais são as características desse novo

público; qual o papel do professor e do aluno nesse contexto de ensino e aprendizagem; e qual é o espaço atual do ensino de LE no Brasil.

Os meses subsequentes à apresentação da primeira fase do projeto compreenderam as seguintes leituras: Mangenot e Louveau (2006); Rocha; Tonelli; Silva (2010); 7ª Resolução do MEC de 14 de dezembro de 2010; Lei de Diretrizes e Bases (LDB); Parâmetros Curriculares Nacionais de 1ª a 4ª série (PCN); nono livro dos Parâmetros Curriculares Nacionais de 5ª a 8ª série (PCN-LE); e Plano Nacional de Educação (PNE), lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001. Paralelamente às leituras, foi realizada a parte prática da pesquisa, ou seja, o minicurso desenvolvido entre 03 de março e 02 de junho de 2012³. Vale a pena citar que os três últimos meses da pesquisa foram dedicados à retomada das leituras realizadas na primeira fase da pesquisa, bem como à elaboração deste relatório.

Complementando o estudo teórico, ministramos um minicurso para crianças de seis a sete anos, que frequentam a Casa do Zezinho, instituição que oferece atividades para alunos de escolas públicas. Os dados obtidos nessa atividade serviram de base para as discussões apresentadas a seguir.

3. O ENSINO DE FLE PARA CRIANÇAS NO CONTEXTO LEGAL BRASILEIRO

Nesta etapa foram investigados e analisados os documentos mais recentes que tratam do ensino de língua estrangeira no Brasil, visando responder o questionamento “qual é o espaço atual do ensino de LE no Brasil?” Vale a pena citar que não faz parte do escopo deste estudo discutir a pertinência de tais documentos, mas sim apresentar e analisar a forma como eles abordam o tema da LE, tendo em vista que são vigentes no Brasil.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), de 20 de dezembro de 1996 (Lei 9.394/96), é o documento que “Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional” (BRASIL, 1996, p.1), em outras palavras, define

³ O certificado deste curso consta no Anexo 3.

tanto o que legalmente é entendido por “educação” no Brasil⁴, quanto quais são os deveres dos governos e instituições, no âmbito federal, estadual e municipal em relação à educação.

O documento explicita também como se organiza a Educação Básica no Brasil. Esta compreende os ensinos infantil, fundamental e médio, “tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.” (BRASIL, 1996, p.9) Assim sendo, a educação compreende não só fornecer subsídios para o ingresso no mercado de trabalho, mas também para formar cidadãos.

Nesse contexto, a LE ajuda a atingir esses objetivos, tendo em vista que possui um viés social, ou seja, o reconhecimento de si pelo conhecimento de novas culturas, podendo abranger costumes, história e geografia. Aprender uma língua estrangeira é ainda determinante no mercado de trabalho e auxilia o estudante na continuidade de sua formação, seja para conseguir cursar uma boa universidade ou para a leitura de autores não traduzidos.

O artigo 26 destaca os assuntos/matérias que devem ser abordados durante o Ensino Fundamental. O parágrafo 5º discorre sobre a língua estrangeira, definindo sua obrigatoriedade apenas a partir da quinta série do Ensino Fundamental II, atual sexto ano. Assim sendo, o ensino de língua estrangeira é facultativo para as séries precedentes. A LE ainda é considerada “parte diversificada do currículo” (BRASIL, 1996, p. 11), sem, contudo, que essa diferenciação seja justificada neste artigo ou no documento como um todo.

Outro documento oficial, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para o Ensino Fundamental I⁵, dividido em 10 volumes, dedica apenas três linhas à língua estrangeira na introdução do volume 1, de mesmo conteúdo que a LDBEN, ou seja, anuncia a obrigatoriedade desse ensino apenas a partir do Ensino Fundamental II.

⁴ “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (BRASIL, 1996, p.1)

⁵ O documento pode ser acessado pelo site http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12640%3Aparametros-curriculares-nacionais1o-a-4o-series&catid=195%3Aseb-educacao-basica&Itemid=859

Ainda vale a pena citar que a Educação Básica compreende os Ensinos Infantil, Fundamental e Médio e “tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.” (BRASIL1997, p.9). Logo, o ensino compreende não só o fornecimento de subsídios para o ingresso no mercado de trabalho, mas também para a formação de cidadãos.

Ainda vale ressaltar que na página 71 do volume 1 dos PCNs é apresentado o gráfico abaixo, no qual podemos ver como a LE é marginalizada, sendo a única assinalada com cor diferente, ou seja, esse é de fato o único conhecimento diferenciado no documento, corroborando seu papel secundário no Ensino Fundamental I. Outro indício de tal marginalização é a falta de justificativa para a sua diferenciação ao longo do documento.

ESTRUTURA DOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS PARA O ENSINO FUNDAMENTAL

Os quadros não-sombreados correspondem aos itens que serão trabalhados nos Parâmetros Curriculares Nacionais de quinta a oitava série.

Baseado não só na LDB, mas também nos PCNs, o Plano Nacional de Educação (PNE) - Lei Nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001 - não discorre sobre a LE ao tratar do Ensino Fundamental, apenas conforme grifo nosso abaixo, parafraseia de forma sucinta o PCN. Assim, podemos dizer que considera tal ensino obrigatório a partir do atual sexto ano.

A atualidade do currículo, valorizando um paradigma curricular que possibilite a interdisciplinaridade, abre novas perspectivas no desenvolvimento de habilidades para dominar esse novo mundo que se desenha. As novas concepções pedagógicas, embasadas na ciência da educação, sinalizaram a reforma curricular expressas nos Parâmetros Curriculares Nacionais, que surgiram como importante proposta e eficiente orientação para os professores. Os temas estão vinculados ao cotidiano da maioria da população. Além do currículo composto pelas disciplinas tradicionais, propõem a inserção de temas transversais como ética, meio ambiente, pluralidade cultural, trabalho e consumo, entre outros. Esta estrutura curricular deverá estar sempre em consonância com as diretrizes emanadas do Conselho Nacional de Educação e dos conselhos de educação dos Estados e Municípios.

A 7ª Resolução do MEC de 14 de dezembro de 2010 é o documento que regulamenta a proposta do currículo escolar do Ensino Fundamental I e II de nove anos. Diferentemente dos outros documentos, este discorrerá sobre a formação do professor de LE para atuar com crianças daquele nível de ensino. Seguindo a LDB, o documento mantém a obrigatoriedade de LE a partir do sexto ano do Ensino Fundamental.

Art. 15 Os componentes curriculares obrigatórios do Ensino Fundamental serão assim organizados em relação às áreas de conhecimento:

- I- Linguagens:

[...]

c) Língua Estrangeira moderna.

Aqui temos a regulamentação da LE moderna como obrigatória. Porém, o Art. 17 diz: “Na parte diversificada do currículo do Ensino Fundamental será incluído, obrigatoriamente, a partir do sexto ano, o ensino de, pelo menos, uma Língua Estrangeira moderna, cuja escolha ficará a cargo da comunidade escolar.”, alinhando-se, assim, aos outros documentos já apresentados, fato questionável, tendo em vista que as crianças já estão preparadas para o aprendizado de uma nova língua, como apresentado nos estudos de Vanthier (2009), os quais, além de mostrar as competências a serem desenvolvidas em cada etapa do aprendizado, também defendem esse tipo de ensino, já que o quanto antes se é exposto a novas línguas mais fácil será a aquisição destas.

A 7ª resolução inova ao indicar qual deve ser a formação do professor para ministrar LE nas séries iniciais:

Art. 31 [...]

§ 1º - Nas escolas que optarem por incluir a Língua Estrangeira nos anos iniciais do Ensino Fundamental, o professor deverá ter licenciatura específica no componente curricular.

Ou seja, para o ensino de línguas, não é suficiente ser apenas pedagogo, os professores deverão ter cursado licenciatura na língua a ser ensinada. Espera-se que os futuros professores tenham, durante seus estudos, o conhecimento dessa nova exigência, para poder atuar nesse contexto, tendo em vista que a licenciatura prioriza a docência a partir do Ensino Fundamental II.

A partir dos excertos destacados, concluímos que, diferentemente de outros países, que possuem uma política para o ensino de LE, o aprendizado de idiomas no Brasil ainda não é considerado importante, mesmo existindo documentos como os PCNs de LE, que ressaltam a importância desse estudo durante a formação acadêmica de um indivíduo, como será apontado no próximo item da pesquisa.

4. A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE LE SEGUNDO OS PCN⁶

Não concordando com a forma atual de tratamento do ensino da LE, descritos nos PCN para LE⁷, como aparece no trecho a seguir, no que tange à importância desse ensino:

A primeira observação a ser feita é que o ensino de Língua Estrangeira não é visto como elemento importante na formação do aluno, como um direito que lhe deve ser assegurado. Ao contrário, frequentemente, essa disciplina não tem lugar privilegiado no currículo, sendo ministrada, em algumas regiões, em apenas uma ou duas séries do ensino fundamental. Em outras, tem o status de simples atividade, sem caráter de promoção ou reprovação. Em alguns estados, ainda, a Língua Estrangeira é colocada fora da grade curricular, em Centros de Línguas, fora do horário regular e fora da escola. Fora, portanto, do contexto da educação global do aluno. (BRASIL, 1997, p. 24)

Ou seja, corrobora com o que foi dito anteriormente sobre o as políticas educacionais para LE no Brasil.

Em seguida, o documento discorre sobre a importância do ensino de línguas estrangeiras. Seguem abaixo alguns trechos selecionados que mostram de forma geral as principais justificativas apontadas pelo documento:

- Aspecto social:

O papel que determinadas línguas estrangeiras tradicionalmente desempenham nas relações culturais entre os países pode ser um fator a ser considerado. O francês, por exemplo, desempenhou e desempenha importante papel do ponto de vista das trocas culturais entre o Brasil e a França e como instrumental de acesso ao conhecimento de toda uma geração de brasileiros. (BRASIL, 1997, p.23)

- Reconhecimento de si pelos outros e aceitação das diferenças, pelo aprendizado de diferentes culturas:

A aprendizagem de Língua Estrangeira contribui para o processo educacional como um todo, indo muito além da aquisição de um conjunto de habilidades linguísticas. Leva a uma nova percepção da natureza da linguagem, aumenta a compreensão de como a linguagem funciona e desenvolve

⁶ O que chamamos de PCN para LE trata-se do volume 9 do PCN dedicado ao Ensino Fundamental de quinta a oitava série.

⁷ O documento pode ser acessado pelo site
<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn_estrangeira.pdf>

maior consciência do funcionamento da própria língua materna. Ao mesmo tempo, ao promover uma apreciação dos costumes e valores de outras culturas, contribui para desenvolver a percepção da própria cultura por meio da compreensão da(s) cultura(s) estrangeira(s). O desenvolvimento da habilidade de entender/dizer o que outras pessoas, em outros países, diriam em determinadas situações leva, portanto, à compreensão tanto das culturas estrangeiras quanto da cultura materna. Essa compreensão intercultural promove, ainda, a aceitação das diferenças nas maneiras de expressão e de comportamento. (BRASIL, 1997, p.37)

- Possibilidade de interação com o mundo:

A aprendizagem de Língua Estrangeira no ensino fundamental não é só um exercício intelectual em aprendizagem de formas e estruturas lingüísticas em um código diferente; é, sim, uma experiência de vida, pois amplia as possibilidades de se agir discursivamente no mundo. O papel educacional da Língua Estrangeira é importante, desse modo, para o desenvolvimento integral do indivíduo, devendo seu ensino proporcionar ao aluno essa nova experiência de vida. Experiência que deveria significar uma abertura para o mundo, tanto o mundo próximo, fora de si mesmo, quanto o mundo distante, em outras culturas. (BRASIL, 1997, p.38)

Língua Estrangeira no ensino fundamental é parte da construção da cidadania.” (BRASIL, 1997, p.41)

A divergência postulada acima, entre a Lei e o PCN para LE, segundo Rinaldi (2006), pode ser o reflexo da falta de cursos que habilitem professores de LE a trabalhar com crianças, pois, segundo a 7ª Resolução do MEC Art. 31, o ensino de língua estrangeira para crianças (LEC) deve ser aplicado por professores com licenciatura específica para a língua em questão.

Diferentemente da justificativa de Rinaldi, acreditamos que essa lacuna não existe somente devido à falta de professores habilitados, mas é causada principalmente pela não valorização da LE por parte dos governantes, assim como aponta o documento apresentado, pois concordamos que o fato de não haver uma formação de professores de LEC não impediu o aumento do número de escolas particulares, e até bilíngues, que oferecem em seu currículo o ensino de LEC.

5. O ENSINO DE FLE PARA CRIANÇAS

O ensino pensado para crianças e, portanto, mais lúdico, possui alguns pontos de encontro com as formas mais tradicionais, principalmente no que tange a elaboração das aulas e conteúdos. Um desses pontos a serem levados em conta é a reflexão por parte do professor sobre a disciplina que ele está ensinando e seus objetivos. Segundo o PCN de LE:

[...] ao ensinar uma língua estrangeira, é essencial uma compreensão teórica do que é a linguagem, tanto do ponto de vista dos conhecimentos necessários para usá-la quanto em relação ao uso que fazem desses conhecimentos para construir significados no mundo social. (BRASIL, 1997, p. 27)

Quer dizer, é importante o professor, além de saber para quem ele está ensinando, saber o que e o porquê desse ensino.

A 7ª Resolução do MEC ainda sugere que o ensino de LE anterior ao sexto ano seja preferencialmente ministrado por professores que cursaram a licenciatura na língua a ser ensinada, podendo ministrar suas aulas junto com professores pedagogos. A presença do professor licenciado, mesmo em um ensino a um público mais jovem, demonstra também o que foi dito acima sobre a importância do domínio do conteúdo. Porém, também gera uma problemática: conhecer bem o conteúdo não basta, é preciso conhecer também as características da faixa etária dos seus alunos, e normalmente os cursos de licenciatura focam as idades mais elevadas – a partir do sexto ano.

Antes de começarmos a descrever as características do público estudado⁸, vale esclarecer o motivo pelo qual, assim como Vanthier (2009), não adotamos, neste trabalho, o termo “precoce”, como outros autores já o utilizaram para definir esse tipo de ensino.

Em didática do FLE, "o termo 'precoce' abrange o ensino de uma língua estrangeira ou segunda ao público escolar jovem no primário e maternal"⁹, assim, remete à faixa etária dos alunos focalizados nesta pesquisa. Contudo, optamos por utilizar a terminologia adotada por Vanthier (2009): "situações de

⁸ Estudos baseados em Vanthier (2009).

⁹ Cf. CUQ, 2003, p. 199-200. Tradução nossa do trecho entre aspas.

ensino de FLE para crianças" (2009, p.11)¹⁰. Isso porque a autora considera que o termo "precoce" normalmente serve para qualificar algo feito antes da hora ou idade ideal, o que deixa supor que existiria uma idade normal para a aprendizagem de línguas¹¹. No presente trabalho, além de não acreditarmos existir essa idade ideal, corroborando com a posição de Vanthier (2009), entendemos que o ensino de línguas é importante desde os primeiros anos de alfabetização. Por isso, buscamos definir nesta parte da pesquisa quais são as características desse público de modo a melhor compreender como deverá ser o ensino de LE e, assim, como as tecnologias se inserem nesse contexto de aprendizagem, voltados ao público de 6 a 8 anos.

Nos parágrafos acima, foi citada a importância do ensino de línguas para crianças, que se justifica pela imposição do mundo atual no qual a comunicação multilíngue é tida como indispensável. Hoje já se fala da necessidade de conhecer duas outras línguas além da materna. Vale a pena acrescentar que esse aprendizado e contato com novas línguas devem ser oferecidos pelas escolas como sugere Vanthier (2009): se a escola visa refletir as realidades as quais seus alunos viverão, ela deve lhes proporcionar, desde cedo, um encontro com outras línguas e culturas¹².

Lembramos que, como apontado pelo PCN-LE, outro traço importante a ser considerado no aprendizado de língua é o seu caráter socializante, em outras palavras, o ensino de LE engloba o conhecimento de si pelo outro, possibilitando à criança ampliar seu conhecimento do mundo pelo contato com novas culturas, assim contribuindo em seu desenvolvimento enquanto pessoa e em seu entendimento de que o outro pode ser semelhante e diferente.

Sabendo da importância do ensino de línguas e de que esse deve ser oferecido pela escola, seguem abaixo as principais características e necessidades do público infantil, apontadas por Vanthier (2009):

¹⁰ Cf. Tradução minha do trecho "situations d'enseignement du français langue non maternelle aux enfants", em VANTHIER, H. **L'enseignement aux enfants en classe de langue**. Paris, Cle International, 2009, p.11.

¹¹ Tradução minha do trecho "Toutefois, le terme « précoce » qui qualifie d'ordinaire quelque chose qui arrive avant l'heure ou l'âge requis, laisse supposer qu'il existerait un âge « normal » pour l'apprentissage des langues". VANTHIER, H. **L'enseignement aux enfants en classe de langue**. Paris, Cle International, 2009, p.11.

¹² Tradução minha do trecho "si l'école veut refléter les réalités dans lesquelles les enfants devront vivre, elle doit leur proposer, dès leur jeune âge, une rencontre avec d'autres langues et d'autres cultures", em VANTHIER, H. **L'enseignement aux enfants en classe de langue**. Paris, Cle International, 2009, p.13.

- Segundo Jean Piaget essas crianças, entre cinco e sete anos, estão no período pré-operatório quando surge a função simbólica, ou seja, período em que é desenvolvida sua capacidade de substituição de objetos e acontecimentos por uma representação – imagem, palavra ou símbolo;

- Nesta fase, de acordo com Vanthier (2009), as crianças já possuem as seguintes competências linguísticas: manipulação adequada de pronomes pessoais, de número e do gênero, os comparativos e o uso da negação. Essa maturidade linguística associada à “função simbólica” já desenvolvida demonstra que, além das crianças poderem aprender uma língua estrangeira, também estão prontas para a inserção da multimídia no aprendizado de uma nova língua;

- Zona de desenvolvimento proximal, teoria desenvolvida por Vygotski, que trata da relação entre o “desenvolvimento real”, que determina o que a criança já pode realizar de forma autônoma, e “desenvolvimento potencial”, aquilo que a criança poderá realizar com o auxílio de outros. Além de trazer ao ensino o aspecto social, destaca tanto a função do professor como facilitador do aprendizado, quanto a necessidade de se levar em conta os conhecimentos prévios dos alunos;

- A língua materna possui um papel metacognitivo importante, portanto, deve fazer parte do ensino da LE;

- Cada aluno é único e aprende de uma maneira diferente, levando em consideração a teoria das inteligências múltiplas de Gardner, daí a importância da realização de várias atividades diferentes para o mesmo conteúdo;

- Ensinar a comunicar em língua estrangeira é ensinar a praticar a língua nas suas funções variadas.

Considerando os dados levantados e apresentados da leitura de Vanthier (2009), percebemos que as crianças na faixa etária estudada constituem um público em potencial para o aprendizado de LE, o qual pode e deve ser explorado pelas escolas devido às necessidades impostas pela sociedade, sempre levando em consideração e respeitando as necessidades e capacidades cognitivas dessas crianças.

6. AS TECNOLOGIAS NO ENSINO DE LÍNGUAS

Nesta fase do trabalho, precisamos definir primeiramente o que entendemos por tecnologias na educação. Segundo Kenski (2009, p.23):

O conceito de tecnologias engloba a totalidade de coisas que a engenhosidade do cérebro humano conseguiu criar em todas as épocas, suas formas de uso, suas aplicações. (...) A linguagem, por exemplo, é um tipo específico de tecnologia que não necessariamente se apresenta através de máquinas e equipamentos.

Porém, quando usamos o termo “tecnologia”, nesta pesquisa, não o estamos considerando de forma tão ampla como Kenski. Aqui nos referimos ao que a autora chama de “novas tecnologias”, ou seja, equipamentos provenientes de eletrônica e telecomunicações, tais como tvs, redes digitais e internet, que com a banalização do uso desses recursos, o termo “novas” não é mais usado, utilizando apenas o termo “tecnologia”.

Outro termo frequentemente utilizado hoje entre os estudiosos franceses, TICE (tecnologias da informação e da comunicação para o ensino), seria um termo aplicável ao trabalho, tendo em vista que relaciona tecnologias de comunicação e informação com ensino. Porém, buscamos algo mais específico que defina melhor o material usado no minicurso.

Sendo assim, chegamos ao conceito de multimídia, de Hirschsprung. Para Hirschsprung, multimídia são “os materiais e as técnicas capazes de, juntas, gerarem som, imagem e vídeo”¹³. A escolha específica pelo uso da multimídia em detrimento de outras tecnologias uni-midiáticas se deu por esta ter se mostrado mais produtiva em sala de aula (será discutido adiante no item “Os minicursos”). Vale a pena ressaltar que não estamos descartando as outras tecnologias, apenas dando ênfase na tecnologia que atingiu os objetivos durante as aulas de forma mais eficaz, em outras palavras, possibilitando ao professor obter uma gama maior de material para a sala de aula, ajudando a manter a atenção do aluno, possibilitando uma maior interação com o conteúdo trabalhado, facilitando assim a expressão oral em sala de aula, e,

¹³ Tradução minha do trecho “des matériels et des techniques capables de gérer conjointement du son, de l’image et de la vidéo”, em HIRSCHSPRUNG, N. **Apprendre et enseigner avec le multimédia**. Paris, Hachette, 2005. p.10.

principalmente, auxiliando a melhor compreensão pelos alunos do conteúdo trabalhado.

Tais vantagens supra listadas estão ligadas às características da multimídia – no nosso minicurso representado em grande parte pela internet – que facilitam o ensino e aprendizagem em língua estrangeira. São elas:

- Não linearidade: diferente dos livros tradicionais, o uso dessas tecnologias se dá de forma não linear, ou seja, podemos facilmente parar, avançar ou repetir o trecho de um vídeo, buscar novas informações em outras fontes, no caso da internet, e retornar à página, em outras palavras, usar hiperlinks. Essa propriedade da multimídia será comparada por Hirschsprung à forma que pensamos, modificando o acesso ao conhecimento pelo aluno, que será mais dinamizado. Ainda segundo a autora, essa aproximação poderia facilitar a assimilação dos conteúdos pelos alunos;

- Simultaneidade: a possibilidade de misturar diferentes habilidades como audição, visão, e tato facilita a compreensão e desperta o interesse dos alunos para os novos conteúdos.

A internet permite desenvolver capacidades cognitivas dos alunos antes não trabalhadas, ao misturar imagens animadas, sons e textos, permitindo uma viagem entre o tempo e espaço, ou seja, a internet seria umas das formas multimidiáticas mais difundidas e, portanto, de mais fácil acesso ao professor e alunos, o que permite o aproveitamento, durante as aulas, dos benefícios apresentados da multimídia.

Complementando o estudo apresentado sobre as tecnologias no ensino, baseado nas leituras de Hirschsprung (2005) e Kenski (2007), comentaremos com alguns aspectos do estudo de Mangenot e Louveau, o qual pode ser considerado como um manual para os professores sobre o que é a tecnologia, pois discute noções básicas com seus potenciais na educação. Vale a pena lembrar que quando falamos de tecnologia nessa leitura, nos referimos à internet.

Já logo no início, temos a definição do papel do professor na educação permeada pela tecnologia, ou seja, é o professor quem selecionará os recursos tecnológicos, em função dos seus objetivos e também quem irá avaliar os alunos. É essa seleção que se acredita ser o viés mais difícil a ser executado pelo professor, quando falamos no uso das tecnologias. Não é sem propósito

que os próximos itens serão dedicados a explicar, definir e dar subsídios ao professor sobre como fazer a seleção dos recursos tecnológicos, pois a forma como professor entende e trabalha com a tecnologia é o que fará diferença no aprendizado de FLE.

Sendo assim, temos a definição da principal característica da internet, a multimídia. Um pouco diferente do que Hirschsprung entende por multimídia - “os materiais e as técnicas capazes de juntas gerarem som, imagem e vídeo”¹⁴ - Mangenot e Louveau a definem de uma forma mais ampla, sendo ela a possibilidade de um texto e imagem animada e inanimada serem guardados em um mesmo meio, sendo o conjunto regido por um sistema de computador que permite a interatividade¹⁵.

Ainda acrescentam que ela possui três outras especificidades¹⁶: “multicanalité”- o fato de coexistirem no mesmo suporte texto, som e imagem - ou seja, o que Hirschsprung define por multimídia; “multiréférentialité”- a possibilidade de obter numerosos e diversos recursos de informação sobre um mesmo tema - ; “hypertextualité”- a possibilidade de consultar documentos de forma não linear – o que, de acordo com Kenski, se aproxima da nossa forma de pensar, o que pode facilitar a aprendizagem.

Além do seu caráter multimidiático, a internet também possui alguns recursos que podem ser utilizados não só pelos professores de FLE, como também para as outras línguas ou disciplinas. São eles:

- Recursos didáticos – sites onde se encontram estudos sobre o ensino-aprendizagem;
- Recursos não didáticos – documentos que podem servir como material autêntico nas salas de aula, por exemplo, notícias de jornais, propagandas turísticas, textos científicos e, no caso do nosso minicurso, esse recurso é bem representado pelos desenhos animados apresentados nas aulas como forma de introdução do conteúdo a ser aprendido;

¹⁴ Tradução minha do trecho “des matériels et des techniques capables de gérer conjointement du son, de l'image et de la vidéo”, em HIRSCHSPRUNG, N. **Apprendre et enseigner avec le multimédia**. Paris, Hachette, 2005, p.10.

¹⁵ Definição tirada do trecho “Le terme multimédia a justement été forgé pour souligner le fait que texte, image (fixe et animée) et son pouvaient désormais être stockés sur un support unique, le tout étant régi par un système informatique permettant l'interactivité”, em Mangenot, François e Louveau, Élisabeth. **Internet et la classe de langue**. Paris, Cle international, 2006, p.12.

¹⁶ Esses comentários sobre a multimídia são feitos a luz do estudo de Lancien (1998).

- Recursos pedagógicos FLE – sites com exercícios e tarefas em francês;

- Recursos metalinguísticos – disponíveis tanto para o professor quanto para o aluno, tais como dicionários, gramáticas, tradutores, entre outros.

Entretanto, não basta apenas conhecer os recursos disponíveis na internet, mas, sim, saber como encontrá-los nas milhares de páginas disponíveis. Para tal, temos o que os autores chamam de “buscadores”, em outras palavras, sites que fazem a busca de outros sites. Porém, é necessário entender o seu funcionamento para poder usá-los da melhor forma.

É muito importante o professor saber não só fazer a busca do seu material, mas, principalmente, saber selecioná-lo para uso na sala de aula, pois como a internet é um espaço livre, encontram-se também informações errôneas. Assim sendo, para garantir a verdade e qualidade, uma estratégia é ler mais de uma página sobre o assunto e optar por páginas institucionais de universidades ou já renomadas.

Os autores dedicaram ainda algumas páginas para falar sobre o Blog, que, como já se observou no primeiro minicurso, não obteve resultado, pois esse deveria ser acessado em casa. Sabendo de suas potencialidades no ensino, já que se trata de uma página pessoal, cronológica, como definem os autores do livro, e que permite a releitura do que foi visto em sala de aula, neste novo minicurso será feita uma tentativa de utilizar o blog, porém como diário de classe construído pelos alunos junto com o professor ao final de cada aula.

No decorrer do estudo, Mangenot e Louveau apresentam diversas atividades e sites disponíveis para o aprendizado de FLE, porém todos eles, de alguma forma, fazem uso das competências escritas, ou seja, são dirigidos a crianças mais velhas do que as focalizadas neste estudo. Tal fato cria mais um grande desafio para o professor que pretende trabalhar com esse público, que é o de adaptar todo esse material já existente para seus alunos.

A partir das leituras realizadas sobre a tecnologia, mais precisamente sobre multimídia e internet, podemos dizer que esta última é o recurso mais importante no ensino pautado nas competências orais, pois como dito, é ela que permite ao professor a busca de material, cria o ambiente interativo, auxilia no aprendizado, tanto por causar interesse dos alunos, quanto por facilitar a

assimilação e memorização do conteúdo a ser estudado. Portanto, chega-se a conclusão que, pelas características anteriormente apresentadas, as tecnologias têm muito a contribuir com o ensino de FLE para crianças.

Vale a pena citar que algumas inovações que a multimídia traz ao ensino, tais como a dinamização de tempo e espaço, a questão da autonomia dos alunos, não foram abordados em todos os seus aspectos, pois quando estamos aqui falando da inserção da tecnologia no ensino não propomos, por exemplo, o ensino à distância, devido à faixa etária dos alunos.

Levando em conta a idade e as restrições dos alunos, propomos uma interface entre o ensino tradicional e as tecnologias, a saber, o ensino e aprendizagem de FLE presencial, tendo como um dos principais recursos a introdução das tecnologias na sala de aula, possibilitando, assim, o desenvolvimento de atividades com material didático diferenciado, como poderá ser observado na proposta do minicurso.

Ainda em se tratando dos documentos teóricos, no decorrer da pesquisa bibliográfica, houve também o contato com diferentes métodos (materiais didáticos) atuais de ensino de FLE. A análise desse campo bibliográfico mostrou a relação estabelecida entre a tecnologia e o ensino do francês para crianças. Por meio dela, pode-se observar que, em todos os métodos voltados ao público infantil, a tecnologia estava presente, não apenas sob a forma de CDs de áudio para serem usados na sala da aula, como também na forma de jogos. Porém, não foi constatado o uso da multimídia. Em sua grande maioria, eram atividades realizadas a partir de CDs de áudio.

A seguir, vamos apontar como os documentos legais brasileiros que tratam do ensino de LE para crianças abordam o tema "tecnologia". Para tanto, selecionamos alguns excertos.

A LDBN, no Art.32, traça como uns dos objetivos do Ensino Fundamental "a compreensão ... da tecnologia, ...". Apesar de não haver uma definição do que é considerado tecnologia, a inserção desta nesse documento no trecho destinado aos objetivos traçados já demonstra sua importância na esfera educacional do país.

Já o PCN se refere à tecnologia de duas formas distintas, em outras palavras, a tecnologia pode ser um tema para discussão em sala de aula ou um equipamento usado para a educação. Assim, o PCN diz que as escolas

devem capacitar os alunos para “poder lidar com novas tecnologias e linguagens” (pg.25), e, para que isso ocorra, deve-se discutir temas relacionados à tecnologia visando à formação de “valores e atitudes do sujeito em relação ao outro” (pg. 31).

O PCN, no trecho abaixo, apoia o uso de computadores nas escolas, mesmo tendo em vista a realidade de certas escolas que “sequer têm giz” (p. 67):

É indiscutível a necessidade crescente do uso de computadores pelos alunos como instrumento de aprendizagem escolar, para que possam estar atualizados em relação às novas tecnologias da informação e se instrumentalizarem para as demandas sociais presentes e futuras. A menção ao uso de computadores, dentro de um amplo leque de materiais, pode parecer descabida perante as reais condições das escolas, pois muitas não têm sequer giz para trabalhar. Sem dúvida essa é uma preocupação que exige posicionamento e investimento em alternativas criativas para que as metas sejam atingidas. (pg. 67 e 68).

O PNE apresenta como obrigatório a “informática e equipamento multimídia para o ensino”, ou seja, equipamentos multimidiáticos, como os computadores e projetores multimídia devem estar disponíveis nas escolas.

Essa presença da tecnologia nos documentos oficiais atuais demonstra a sua importância no meio educacional. Entretanto, os profissionais da área devem tomar cuidado ao discutir o tema, para garantir que a tecnologia venha a ser realmente um recurso a acrescentar no processo de ensino-aprendizagem. Por exemplo, não basta a escola colocar uma lousa interativa, se esta for usada pelo professor apenas para projetar o livro, sem que ele explore as possibilidades multimidiáticas que ela traz à sala de aula.

7. O PAPEL DO PROFESSOR E DO ALUNO: MUDANDO A FORMA DE ENSINAR MUDAMOS TAMBÉM O PAPEL DE CADA PESSOA ENVOLVIDA NO PROCESSO

Segundo Dowbor (2001), “Como professores, precisamos preparar os alunos para trabalhar com um universo tecnológico”, e para tal, o professor passaria a “orientar os alunos”, deixando apenas de ser um repassador de conteúdos, pois ele agora assume um papel de mediador entre o aluno e a tecnologia, pela qual o aluno passa também a ter acesso ao conhecimento.

Logo, o professor não é mais o único detentor do conhecimento, competindo a ele orientar o aluno diante desse processo de “desenvolvimento das estratégias eficazes de aprendizagem”¹⁷.

Já o aluno, com o advento das tecnologias, aumentou suas possibilidades de acesso à informação, ou seja, ganhou maior autonomia no seu processo de aprendizado. Agora o aluno tem o papel de ator de sua formação. Em suma, ele assume um papel mais ativo e menos passivo durante o processo de aprendizagem.

8. O MINICURSO

Complementando o estudo teórico, organizamos um minicurso para crianças de 6 a 8 anos, frequentadoras de uma ONG que oferece atividades de contra turno para alunos de escolas públicas. Tal minicurso possibilitou verificar a real importância das tecnologias no ensino e aprendizagem de FLE para essa faixa etária.

O referido minicurso teve como objetivo sensibilizar as crianças para o aprendizado da língua francesa e desenvolveu os seguintes conteúdos: a) temáticos: alimentos, cores, animais, família, brinquedos, números e esportes; b) comunicativos: saudação, apresentação, preferências e o uso da negação. Para o desenvolvimento dos conteúdos foram realizadas atividades lúdicas, com uma mídia - música no cd player, e com a multimídia, utilizada nas atividades feitas na internet que disponibilizavam som e imagem ao mesmo tempo. Além disso, a aula se iniciava com um desenho animado que ilustrava o conteúdo a ser abordado.

Sendo um dos objetivos da pesquisa apresentar atividades no e para o contexto digital, o minicurso permitiu-nos verificar também a eficácia e a pertinência dessa proposta. Assim sendo, no final da terceira aula, foi realizada uma atividade com dois sites franceses¹⁸, nos quais os alunos pintaram o

¹⁷ Tradução minha do trecho “il aide à développer des stratégies d’apprentissage efficaces. Il accompagne l’apprenat dans l’acquisition à la fois d’un savoir et d’une méthode”, em HIRSCHSPRUNG, N. **Apprendre et enseigner avec le multimédia**. Paris, Hachette, 2005, p.10.

¹⁸ www.tivi5.org e <http://www.coloriage-1.com/fruits.html>.

desenho de sua fruta preferida, para assim desenvolver o vocabulário das cores e frutas, além de estimular a produção oral das estruturas básicas da língua francesa, tais como o uso do presente simples e da negação, para expressar os gostos “J’aime...” ou “Je n’aime pas...”.

O fato da atividade acima ter sido aplicada no contexto digital, no qual as crianças podiam facilmente alterar as cores, pintarem mais de uma vez e de forma mais rápida diversas frutas, possibilitou não só o contato com o computador, mas também um maior uso da língua francesa, se compararmos com a atividade realizada posteriormente, na qual as crianças pintaram em papel. Nesta última, tivemos menos interação em língua francesa e um tempo maior para sua realização.

Outro exemplo significativo de como a multimídia pode facilitar a aprendizagem do francês, extraído das aulas do minicurso, foram as atividades relacionadas aos números. Tais atividades foram subdivididas em três partes, sendo que cada uma delas apresentou um formato diferente, ou seja, uma atividade usou uma única mídia, outra foi lúdica e a última foi realizada por meio da multimídia.

Na atividade que usava uma mídia, o rádio, os alunos deveriam cantar e dançar a música “la ballade des chiffres”. Tal atividade foi bem aceita pelos alunos, que gostaram de dançar e ouvir música, porém mesmo abordando a música de forma lenta junto com a coreografia e pedindo para eles repetirem, ficou clara a dificuldade de pronunciar os números fora da sequência melódica.

A outra atividade aplicada foi a lúdica, com um jogo de amarelinha, no qual os alunos deveriam pular dizendo os números nos quais estavam pisando. Para essa atividade esperava-se que, com a visualização dos números e sem a melodia, os alunos tivessem mais facilidade em dizer os números. O que pode ser observado foi o uso da associação com a língua materna e com o inglês, o que a grande maioria dos alunos fez para lembrar os números.

A atividade que se mostrou mais produtiva para a aquisição do vocabulário estudado foi a multimidiática, na qual os alunos em dupla acessaram o site¹⁹ no qual fizeram o jogo de ligar os pontos. Nesta atividade, cada ponto possuía um número e um colega falava para o outro qual seria o

¹⁹ <http://turbulus.com/jeuxligne/relier-points/105-relier-chiffres3>

próximo número e corrigia quando necessário. Enquanto a figura não se formava por completo, os alunos iam fazendo hipóteses sobre qual animal apareceria, o que possibilitou o retorno às aulas em que estudaram os nomes dos animais. Novamente, o uso do presente simples e da negação, para expressar os gostos “J’aime...” ou “Je n’aime pas...”.

Destacamos a seguir as vantagens de desenvolver o ensino de FLE para crianças com apoio de tecnologias multimidiáticas:

a) a possibilidade de correção, o som junto com a imagem a cada “clique”; b) a animação, pois após ligarem todos os pontos a figura ganhava cor e se mexia com sons diversos; c) a rapidez/diversidade, portanto a possibilidade de repetição da mesma atividade com imagens diferentes.

Tais características transformaram uma simples atividade de ligar os pontos, sem muita interação com o colega, em uma atividade didática que, além de despertar um maior interesse dos alunos, superou as outras atividades, levando em consideração que com esta os alunos tiveram mais facilidade em assimilar o conteúdo, além de possibilitar o retorno a conteúdos anteriormente abordados.

Vale a pena ressaltar que não acreditamos que o desenvolvimento das mesmas atividades sem recursos multimidiáticos não possuam valor durante o aprendizado. O que defendemos é a inserção da multimídia nas salas de aula, pois ela se mostrou produtiva no ensino/aprendizagem do FLE, conforme os exemplos acima.

9. ASPECTOS CONCLUSIVOS

O ensino de língua estrangeira no Brasil é um tema que ainda deve ser discutido devido a sua importância e das leis vigentes, pois, pelo que pode ser observado, a LE ainda é considerada como um aprendizado supérfluo, diferenciado das outras matérias. Em contra partida, o próprio PCN de quinta a oitava série no volume 9 – dedicado à língua estrangeira – vai apontar a importância do ensino de LE na formação das crianças, como abordado no item “A importância do ensino de LE segundo o PCN de LE”, fato que comprova não existir justificativa para a LE ser discriminada nos outros documentos, como a 7ª Resolução do MEC de 14 de dezembro de 2010; Lei

de Diretrizes e Bases (LDB); Parâmetros Curriculares Nacionais de 1^a a 4^a série (PCN); e Plano Nacional de Educação (PNE) lei nº10.172, de 9 de janeiro de 2001, tendo em vista que eles apenas impõem essa diferenciação sem justificativa.

Nesses mesmos documentos, observamos a tentativa da inserção das tecnologias no ensino, porém, apesar de ser positivo esse reconhecimento da importância das tecnologias, ela deve ser discutida pelos profissionais da área, para que seja usada de forma a acrescentar na formação das crianças.

Pudemos constatar também que a tecnologia é uma realidade nas classes de ensino de língua estrangeira, pois de alguma forma ela está presente nos novos métodos, seja na forma de softwares educativos ou da internet propriamente dita, extrapolando, assim, o ambiente da sala de aula.

O uso da multimídia no minicurso se mostrou mais produtivo do que o uso de uma única mídia e de jogos lúdicos, conforme exemplificado no item minicurso.

A multimídia apresenta-se também como um excelente recurso para o professor, pois lhe dá a possibilidade de participar de listas de discussão sobre ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras, aumentando suas possibilidades de troca de material e ideias para preparar as aulas, bem como a introdução da internet durante as aulas, por exemplo, na exibição de filmes, no caso desenhos animados, ou a realização de uma tarefa, como os jogos supra apresentados.

Diante do exposto, a tecnologia, que no dia a dia aparenta ser apenas um apoio na aula, se mostra determinante em um ensino pautado nas competências orais, sendo a multimídia que possibilita ao professor construir na sala de aula o ambiente audiovisual da língua estrangeira, além de viabilizar a elaboração de jogos, conquistando o aluno trazendo-o então para a nova língua.

Vale a pena ressaltar que a procura e adesão das crianças e pais ao minicurso, mesmo em uma comunidade carente de São Paulo, mostra a potencialidade desse novo público no aprendizado de uma língua estrangeira diferente do inglês. Portanto, são necessárias pesquisas e reflexões sobre o assunto para atender a essa nova demanda no ensino.

10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

10.1. BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **CNE-CEB Resolução 7**, de 14 de dezembro de 2010. Disponível em: <
[http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=866&id=14906&option=com_content
&view=article](http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=866&id=14906&option=com_content&view=article)>. Acesso: 10 mar. 2011.

BRASIL. República Federativa do Brasil. **Lei nº 9.394**. Brasília: [n.d.], 1996.

BRASIL. República Federativa do Brasil. **Lei nº 10.172**. Brasília: [n.d.], 2001.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira / Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1998.

CUQ, Jean-Pierre (cord.). **Dictionnaire de didactique du français langue étrangère et seconde**. Paris : CLE International, 2003.

HIRSCHSPRUNG, N. **Apprendre et enseigner avec le multimédia**. Paris, Hachette, 2005.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias**: o novo ritmo da informação. Campinas - SP: Papirus, 2007, 5ª edição.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Campinas - SP: Papirus, 2007, 3ª edição.

MANGENOT, F. e LOUVEAU, É. **Internet et la classe de langue**. Paris, Cle international, 2006.

SILVA, K. A.; C. H. ROCHA; TONELLI, J. R. A. (Org.) **Língua estrangeira para crianças**: ensino-aprendizagem e formação docente. Campinas, SP: Pontes, 2010.

VANTHIER, H. **L'enseignement aux enfants en classe de langue**. Paris, Cle International, 2009.

10.2. MÉTODOS DE FLE

Denisot, Hugues e Macquart-Martin, Catherine (2009). **Super Max 1**. Hachette; Samson, Colette (2001). **Alex et Zoé 1**. Cle international.

Samson, Colette (2001). **Alex et Zoé 1**. Cle international.

10.3. WEBGRAFIA

<http://www.edufle.net/-Francais-langue-seconde-ou-precoco-.html>.

<http://www.veramenezes.com/historia.pdf>.

<http://www.edufle.net/-TICE-multimedia-et-FLE-.html>.

<http://www.tv5.org/TV5Site/tivi5/index.php>.

<http://www.tivi5mondeplus.com/#>.

<http://turbulus.com/jeuxligne/relier-points/105-relier-chiffres3>.

ANEXOS

Anexo 1 – Aspectos conclusivos da primeira fase da pesquisa “Tecnologias no ensino de FLE (Francês Língua Estrangeira) para crianças não alfabetizadas”

Analisado os estudos ao longo da pesquisa – minicurso e textos teóricos – pode-se constatar que tecnologia é uma realidade nas classes de ensino de língua estrangeira, pois de alguma forma ela está presente nos novos métodos, além de cada vez mais estar presente no campo da educação, seja na forma de softwares educativos ou da internet propriamente dita, extravasando assim a sala de aula.

Mesmo no caso dos alunos observados no minicurso, o fato de não fazerem o uso da internet em casa, esta ainda se mostrou presente como ferramenta, tanto para o professor - aumentando suas possibilidades troca de material e subsídios para preparar as aulas, bem como para o uso durante a aula, por exemplo, na exibição de filmes, no caso desenhos animados, ou na realização de uma tarefa, como jogo da memória.

Assim, a tecnologia, que no dia a dia aparenta ser apenas um apoio na aula, se mostra determinante em um ensino pautado nas competências orais, sendo que a multimídia possibilita ao professor construir na sala de aula o ambiente audiovisual da língua estrangeira, além de viabilizar a elaboração de jogos, motivando o aluno para o aprendizado da nova língua.

Vale a pena ressaltar que a procura e adesão das crianças e pais ao minicurso demonstra a potencialidade das tecnologias na motivação desse novo público para o aprendizado de outras línguas estrangeiras que não o inglês. Portanto, fazem-se necessárias pesquisas e reflexões sobre o assunto para atender a essa nova demanda no ensino.

Acrescentamos que a pesquisa terá continuidade mais um ano por meio do projeto “As tecnologias e o ensino de FLE para crianças não alfabetizadas: estudo teórico e atividades didáticas no/para o contexto digital”, financiado também pela FEUSP, como bolsa de iniciação científica.

Anexo 2 – Resumo da pesquisa desenvolvida pela prof^a Dr^a Vera Lúcia Marinelli, orientadora da IC.

Este trabalho tem por objetivo propiciar, a pesquisadores, professores ou futuros professores de FLE, em particular e de línguas estrangeiras, em geral, o desenvolvimento de um olhar crítico sobre a TV em língua estrangeira, bem como uma reflexão sobre as suas contribuições e limitações quando de sua introdução no contexto educacional. Com o advento das tecnologias, ampliamos esta pesquisa desenvolvendo uma reflexão sobre o papel das tecnologias da informação e da comunicação em contextos educacionais. Não podemos nos esquecer que tais ferramentas, assim como a mídia, são parte integrante do cotidiano dos alunos. E os professores de língua estrangeira podem tirar proveito de tal fato. Em didática de línguas estrangeiras, desde o advento da abordagem comunicativa, insiste-se sobre a importância de se introduzir, desde os primeiros momentos da aprendizagem, documentos não produzidos com finalidades educacionais, ou seja, documentos autênticos extraídos em geral da mídia (rádio, TV e internet). Contudo, para que a presença da mídia e da tecnologia produzam resultados positivos em sala de aula, deve-se investir numa reflexão, por parte dos professores, sobre a metodologia a ser utilizada com tais documentos.

Desde a sua implementação, este projeto tem subsidiado o trabalho desenvolvido nas disciplinas de Licenciatura - Metodologia do Ensino de Francês I e II e Metodologia do Ensino de Italiano I e II , além de fomentar a realização de atividades de formação continuada de professores de línguas estrangeiras.

Este estudo organiza-se em duas vertentes: análise de atividades já elaboradas por especialistas e organizações estrangeiras dedicadas ao ensino de FLE a partir de documentos da mídia (rádio, TV e internet), bem como espaços para a elaboração de atividades voltadas ao ensino e aprendizagem

de línguas estrangeiras para o público escolar brasileiro tomando por base as tecnologias.

Anexo 3 – Certificado de aplicação do minicurso

Anexo 4 – Autorização de publicação

Autorização

Eu, Ana Carolina Salerno Cruz portadora do RG 34.959.552-5 e CPF 374.416.778-07, autorizo a Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo publicar o relatório final da pesquisa intitulada “As tecnologias e o ensino de FLE para crianças em fase de alfabetização: estudo teórico e atividades didáticas no/para o contexto digital”.

São Paulo, 28 de setembro de 2012.

Ana Carolina Salerno Cruz